

Reimaginando o jornalismo ambiental por meio de práticas decoloniais: o caso da plataforma Sumaúma na Amazônia brasileira¹

Claudia Sarmiento²
King's College London

RESUMO

Este estudo analisa como a Sumaúma, plataforma de jornalismo independente sediada na Amazônia, reimagina o jornalismo ambiental sob uma perspectiva decolonial. A Sumaúma propõe resistências linguísticas, estéticas e epistêmicas por meio de uma abordagem enraizada no território. A pesquisa examina a seção “Mais que Humanes”, cujo uso do gênero neutro exemplifica o rompimento da dicotomia entre homem e natureza. A análise temática de dez reportagens, com apoio do software NVivo, revela a valorização de saberes indígenas, a agência de seres não humanos e uso de formatos híbridos. O estudo contribui para a reflexão sobre formas de jornalismo engajado que recorrem a estéticas e epistemologias não convencionais para narrar a complexidade da crise ambiental.

PALAVRAS-CHAVE:

jornalismo ambiental; decolonialidade; mídia alternativa; Amazônia

Sumaúma é uma plataforma trilingue de jornalismo ambiental, independente e sem fins lucrativos, criada em Altamira (PA), na Amazônia brasileira, em 2022. Fundada por jornalistas veteranos — entre eles Eliane Brum, uma das mais premiadas do país — a iniciativa busca narrar a emergência climática e a destruição ambiental desde o Xingu, pela perspectiva dos povos da floresta. Sua proposta desafia paradigmas dominantes do jornalismo convencional ao definir a Floresta como “centro do mundo”. Desde seu lançamento, a plataforma recebeu diversos prêmios. Sua denúncia do genocídio do povo Yanomami durante o governo de Jair Bolsonaro atraiu atenção internacional. Este estudo examina como a Sumaúma redefine o jornalismo ambiental sob uma lente decolonial, discutindo como suas estratégias editoriais e narrativas constroem e comunicam perspectivas plurais sobre a crise ambiental e as relações entre seres humanos e a natureza.

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Doutora em Mídia e Comunicação, pesquisadora do King's College London e professora-visitante como pós-doutoranda da PUC-Rio. Email: claudia.sarmiento@kcl.ac.uk

A análise investiga como a plataforma amplia vozes e saberes frequentemente sub-representados na mídia tradicional. A pesquisa parte da premissa de que o jornalismo ambiental deve transcender a função informativa e assumir um papel crítico e engajado (Bueno, 2007). Hackett et al. (2017) argumentam que o jornalismo tem falhado ao invisibilizar vozes periféricas, principalmente em contextos marcados por desigualdades socioambientais. A plataforma analisada, por sua vez, se posiciona como uma mídia contra-hegemônica. Seu manifesto está alinhado ao pensamento decolonial (Mignolo, 2017; Porto-Gonçalves, 2012) e ecofeminista (Mies & Shiva, 1993).

A metodologia adotada foi uma análise temática qualitativa de dez longas reportagens da seção “Mais que Humanes”, com codificação indutiva apoiada pelo software NVivo. As perguntas norteadoras foram: (1) De que maneira os textos comunicam perspectivas decoloniais sobre a crise ambiental e as relações entre humanos e mais-que-humanos? (2) O que diferencia a prática jornalística da Sumaúma dos formatos predominantes na grande imprensa?

A análise demonstra que as matérias dão voz a seres não humanos — como rios, árvores e bichos — tratados como sujeitos narrativos com agência na vida coletiva do ecossistema amazônico. A seção valoriza cosmologias indígenas e linguagem inclusiva, promovendo o reconhecimento epistêmico de saberes ancestrais. Os formatos incluem entrevistas, ensaios visuais, narrativas poéticas e HQs. Mesclam gêneros distintos e aliam rigor investigativo ao engajamento político, resultando em uma narrativa não convencional. A proposta editorial rompe com o ciclo do hard news, propondo um jornalismo sensível ao território, e refletindo também o papel central da emoção no jornalismo (Beckett e Deuze, 2016).

Em conclusão, o estudo destaca a abordagem radical da Sumaúma, oferecendo formas alternativas de cobertura, desafiando valores de noticiabilidade e a norma da objetividade. A plataforma representa um caso emblemático de renovação do jornalismo socioambiental a partir do Sul Global, ao conjugar denúncia ecológica, escuta ativa e resistência epistêmica para falar do conceito de direitos da natureza. A análise compõe uma pesquisa em desenvolvimento sobre inovações e obstáculos do jornalismo socioambiental no Brasil.

REFERÊNCIAS

BECKETT, C. & DEUZE, M. On the role of emotion in the future of journalism. **Social Media and Society**, 2(3), 1–6, 2016.

BUENO, W. Jornalismo ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 15, 2007.

HACKETT, R. A.; FORDE, S.; GUNSTER, S.; FOXWELL-NORTON, K. **Journalism and climate crisis: public engagement, media alternatives**. London: Routledge, 2017.

MIES, M.; SHIVA, V. **Ecofeminism**. London: Zed Books, 1993.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, 2017.

PORTO-GONÇALVES, C. W. A ecologia política na América Latina: reapropriação social da natureza e reinvenção dos territórios. **INTERthesis**, v. 9, n. 1, 16–50, 2012.